

## ***Entrevista com Joseph L. Love***

---

*Concedida a Flávio Madureira Heinz  
em 28 de junho de 2001*

Joseph Love, professor do Departamento de História da Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, e diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos e do Caribe, tornou-se conhecido do público brasileiro principalmente por seus livros *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 30* (São Paulo, Perspectiva, 1975), *A locomotiva: São Paulo na Federação brasileira, 1889-1937* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982) e *A construção do Terceiro Mundo: teorizando o subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil*, (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998). Esta entrevista foi feita no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, por ocasião de evento alusivo aos 25 anos de publicação de *O regionalismo gaúcho*.

*Minha idéia é retratar sua trajetória intelectual e as circunstâncias históricas e intelectuais que a conformaram. O que o levou, ainda antes do interesse pelo Brasil e pela América Latina, ao estudo da história?*

Comecei estudando economia, antes de história. Obtive meu primeiro diploma em 1960 na Universidade de Harvard, onde a economia foi o assunto principal da minha formação. Também fiz alguns cursos de história com historiadores conhecidos na época, como H. Stuart Hughes, na história das ciências sociais, e o teólogo e filósofo Paul Tillich, na filosofia da história. Mas meu foco principal era a economia, e foi pela economia que descobri o Brasil. Assisti a um curso de português na universidade e fiz minha monografia de graduação sobre o desenvolvimento econômico brasileiro daquele período, ou seja, estudei o governo Juscelino Kubitschek. Fui estudar história, mesmo, no mestrado, na Universidade de Stanford, onde assisti a uma porção de cursos sobre a América Latina. Por fim, fiz o doutorado na Universidade de Columbia, onde estudei história e algumas ciências sociais complementares. Devo acrescentar que minha cidade natal é Austin, no Texas, e que quando ainda estava na graduação fiz uns cursos de verão sobre história da América Latina na Universidade do Texas, que era o centro desse tipo de estudos.

*Qual foi o impacto da conjuntura política e intelectual dos anos 1960 na sua formação?*

É sabido que, ao menos nos países do Ocidente, essa foi uma década de agitação, de mudanças sociais. Nos Estados Unidos, a década de 60 começou em 2 de janeiro de 1959, quando Fidel Castro assumiu o poder em Cuba. Posso dizer que a minha geração de latino-americanistas é filha de Fidel, no sentido de que foi ele quem chamou a atenção do governo norte-americano para a importância da América Latina, precisamente no início da década, quando a revolução cubana se radicalizou com a crise dos mísseis e o começo da guerrilha em vários países latino-americanos.

*Stanford e Columbia são instituições de muito prestígio, de onde saíram grandes brasilianistas e latino-americanistas. Quem eram seus colegas e professores nessas duas universidades?*

Em Stanford estava John J. Johnson, um professor de história que comparou o processo político no Brasil com o de outros países na América Latina. Escreveu um livro em que deu ênfase à ascensão da burguesia na América Latina, e publicou outro, importante, sobre a mentalidade e a ação dos militares no continente. No intervalo entre Stanford e Columbia, viajei várias vezes para a América do Sul. Descobri o Brasil na época de Jânio, de Goulart, e daquele filme famoso, *Orfeu Negro*. Descobri a Bossa Nova e me apaixonei pelo país. Era um país pouco estudado nos Estados Unidos, havia poucos especialistas, e por isso decidi ir para Columbia, onde havia um grupo que se interessava pelo Brasil. O economista Albert Hirschmann estudava o problema do Nordeste, e os antropólogos Charles Wagley e Marvin Harris estudavam a cultura camponesa e o pro-

blema das relações raciais no Brasil. Havia um professor de literatura, Gregory Rabassa, que traduzia muitos livros brasileiros para o inglês, e um grande sociólogo espanhol, Juan Linz, que foi depois para a Universidade de Yale. Meu orientador de tese foi o historiador Lewis Hanke, que, apesar de ser um especialista em Las Casas e no período colonial espanhol, tinha uma visão muito aberta e sabia que o Brasil era importante e pouco estudado.

Surgiu nessa época um grupo de brasilianistas: Alfred Stepan na ciência política, Ralph della Cava na história – ele estudava o fenômeno de Padre Cícero no Nordeste –, meu colega Michael Hall, que ainda é membro do corpo docente da Unicamp, Peter Eisenberg, que estudava economia e escravidão em Pernambuco e também lecionou na Unicamp, mas infelizmente faleceu, e Stuart Schwartz, um dos maiores historiadores da nossa época, que se especializou no período colonial e fez vários estudos sobre escravidão na Bahia. Essa foi a primeira onda de brasilianistas nos Estados Unidos nos anos 60. Eu mesmo vim para o Brasil em 1964, para pesquisar para a minha tese de doutorado, seguindo a orientação de José Honório Rodrigues, que conheci em Columbia. Depois vim para o Rio Grande do Sul, para fazer meu trabalho sobre a política do Rio Grande no cenário nacional da República Velha.

### *Por que o Rio Grande do Sul?*

Estudando a história do Brasil, observei que a República Velha fora percebida como um período de dominação dos grandes estados de Minas Gerais e São Paulo. Mas notei também que ainda havia questões importantes a investigar, como a do Rio Grande do Sul, que foi um fator de instabilidade na época, tanto que foi o Rio Grande que afinal destruiu a República Velha e seu sistema de oligarquias estaduais. Também me interessou o fenômeno do positivismo no Brasil, que Cruz Costa havia estudado. Na verdade, houve vários pontos no meu interesse. Talvez só mais tarde eu me tenha dado conta da importância do fato de ter nascido no Texas, um estado fronteiro, com muitas tradições parecidas com as do Rio Grande do Sul. Mas talvez, no meu subconsciente, tenha pesado o fato de que o Texas, assim como o Rio Grande de 1836 a 1845, foi uma república independente e teve uma cultura de *cowboys*, como o Rio Grande teve a dos gaúchos. Há semelhanças entre os dois estados, há um mesmo padrão nas duas culturas regionais. Há uma frase que se ouve de vez em quando no Texas, que diz o seguinte: “Americano por nascimento e texano pela graça de Deus”...

No que se refere ao século XX, o Texas já era importante na época de Roosevelt, cresceu com a entrada de novas populações e ganhou ainda mais importância na época de Lyndon Johnson. O primeiro presidente americano nascido no Texas foi Dwight Eisenhower, mas ele fez a sua formação no Kansas, enquanto Johnson foi cem por cento texano, inclusive na mentalidade. Já George

Bush nasceu em Connecticut e estudou na Universidade de Yale, mas depois adotou o estilo da grande burguesia texana.

*Quer dizer que quando veio estudar o Rio Grande do Sul o senhor ainda não tinha clareza do paralelo entre os regionalismos gaúcho e texano?*

Acho que me dei conta do paralelo depois, e foi então que percebi que minha formação mais remota fora importante na escolha do tema da minha tese. Para mim, o regionalismo tem uma definição precisa: é o *behavior*, a atuação política que aceita o Estado-nação como um fato. Regionalismo não é separatismo, e sim uma forma de atuação e cálculo que tenta maximizar os favores de patronagem, de obras públicas etc. dentro do sistema do Estado federativo.

*A primeira de suas duas obras brasileiras mais conhecidas, O regionalismo gaúcho, foi redigida após anos de pesquisa e apresentada como tese de doutorado no final dos anos 1960. Que dificuldades um jovem historiador encontrava no Brasil da época para realizar um trabalho de pesquisa? Refiro-me tanto às dificuldades técnicas quanto ao clima intelectual que se seguiu ao golpe militar de 1964.*

Fiz a tese em 1967, e o livro foi publicado em inglês em 1971. Quanto às dificuldades encontradas no Brasil, foram um pouco deprimentes. Por um lado, tive a vantagem da orientação de José Honório Rodrigues, que escreveu cartas de apresentação para mim a vários historiadores. No Rio Grande do Sul, Artur Ferreira Filho e sobretudo Walter Spalding me ajudaram. Além disso, descobri a obra de Sérgio da Costa Franco, que considero uma influência decisiva na forma como entendi a história da República Velha no Rio Grande. Essas pessoas me influenciaram muito, me auxiliaram, mas a verdade é que naquela época a ciência histórica era pouco desenvolvida no Rio Grande do Sul – ao menos era isso o que se podia perceber. Houve depois uma geração que estudou história de maneira mais profissional. Com Héglio Trindade e seus jovens colaboradores, houve uma redescoberta da história política do Rio Grande. Mas voltando a 1964, contei ainda com a ajuda do pessoal do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, onde tive o privilégio de examinar os papéis de Borges de Medeiros, governador durante a maior parte do primeiro quarto do século XX. Esse foi o arquivo-chave para eu poder fazer o meu trabalho, uma vez que todas as decisões importantes passaram pelas suas mãos.

*Imagino que esse acervo não estivesse organizado. O senhor o organizou?*

Tentei organizar. Em troca do uso do arquivo, fiz um índice dos papéis do período que estudei de forma mais intensa, de 1909 a 1932. Fiz isso em 1964 e 1965. Publiquei o índice na *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, e em 1967 voltei para fazer uma pesquisa adicional. Na época examinei outros arqui-

vos, além do de Borges, dessa vez também para a década de 1890. Nem tudo estava organizado: havia maços de telegramas e cartas guardados no porão. Fui o primeiro pesquisador a estudar esses documentos, que são preciosos. Mais tarde o Instituto foi transferido do seu velho prédio para outro muito mais moderno, e creio que agora os documentos estão bem organizados.

*O senhor chegou a publicar um guia sobre as possibilidades de pesquisa em Porto Alegre, não foi?*

Um guia para estudantes estrangeiros, feito pela Universidade de Columbia.<sup>1</sup> Tentei apresentar temas de interesse para historiadores aqui no Rio Grande do Sul: fronteira, política nacional, política local, história demográfica e história econômica. Havia muito pouca coisa disponível naquela época. Os acervos que usei estavam ou no Rio de Janeiro ou em Porto Alegre. Também usei o arquivo de Assis Brasil em Pedras Altas, na fronteira, por convite particular da viúva, Lydia Assis Brasil.

*Ao menos duas teses sobre a história da República Velha no Rio Grande do Sul foram escritas nos Estados Unidos, aproximadamente no mesmo período que a sua. Estou me referindo aos trabalhos de Richard Kornweibel, sobre Júlio de Castilhos e o Partido Republicano Rio-Grandense, e de Sílvio Duncan Baretta, sobre a Revolução Federalista.<sup>2</sup>*

Há também o trabalho do Carlos Cortés, que estudou o desenvolvimento político do Rio Grande entre 1930 e 1964.

*Exato. O trabalho de Cortés chamava-se Gaucho politics in Brazil. O senhor mantinha contato com esses e outros scholars americanos interessados na história do Rio Grande do Sul? Havia uma rede de comunicação?*

Naquela época mantínhamos contato, mas depois seguimos caminhos diferentes, passamos a nos interessar por outros projetos. Cortés, como era de origem hispânica, virou latinólogo, “chicanólogo” nos Estados Unidos e, que eu saiba, não escreveu mais sobre o Rio Grande do Sul. Fui membro da banca do Duncan Baretta na Universidade de Pittsburgh e gostei muito da tese dele. É uma pena que não tenha sido publicada em português, pois trata do problema das origens sociais da guerra de 93.

*Nos anos 1970, o senhor, Robert Levine e John Wirth realizaram estudos comparados de história regional de três estados brasileiros, respectivamente São Paulo, Pernambuco e Minas Gerais.<sup>3</sup> São trabalhos que utilizam uma quantidade incrível de dados empíricos e que, metodologicamente, fazem uma abordagem biográfica coletiva, na época muito pouco conhecida no Brasil. Como surgiu esse grupo e que condições havia para a realiza-*

ção desses estudos? Suponho que fosse necessário ter uma certa logística para realizar três estudos paralelos, discutir os processos, afinar a metodologia....

Levamos dois anos preparando o estudo e tivemos que nos coordenar muito, tivemos, por exemplo, que fazer na mesma época os pedidos das bolsas que nos permitiriam passar um ano inteiro no Brasil. Depois voltamos várias vezes, mas durante esse ano em que todos ficamos aqui – no meu caso foram 15 meses – nos reuníamos a cada três meses para discutir problemas de coordenação, problemas relacionados aos dados. Logicamente, havia muito mais dados disponíveis para São Paulo. Encontrei muitas informações sobre as elites no arquivo do jornal *O Estado de S. Paulo*. No caso de Pernambuco, tudo foi muito mais difícil. Organizar aquilo tudo levava muito tempo, e então dividimos as tarefas. Fiz uma pesquisa sobre voto em Brasília, Wirth passou mais tempo no Rio, nos arquivos e nas instituições, e Levine fez um levantamento no Public Record Office de Londres, onde copiou documentos para Pernambuco, Minas e São Paulo.

Em parte baseamos o estudo no que eu já havia feito para o Rio Grande do Sul, onde eu tinha começado a entrar na questão das elites. Eu tinha estudado as origens regionais dos titulares dos ministérios da Primeira República para entender a importância do Rio Grande do Sul. Aquele foi um período em que, na ciência política e na história, havia muito interesse pelas elites. Houve também a possibilidade, na década de 1960, de informatizar todos os dados, de utilizar o computador para organizar e analisar as tendências estatísticas. Aproveitamos essa nova tecnologia para organizar as nossas pesquisas. Estudamos as economias, as relações fiscais entre os estados e o governo federal, o problema da integração dos estados na nação, as mentalidades e a questão de como se manifesta a lealdade em relação à nação, que considero ser um problema principalmente no século XIX e início do XX. Também estudamos a inovação em nível estadual, a intervenção do Estado na economia, como foi feita em São Paulo, com a valorização do café em 1906, e aqui no Rio Grande, com a organização do Banco do Estado como banco de desenvolvimento no governo de Getúlio Vargas, em 1928. Foi Vargas que estimulou a organização sindical dos charqueadores e outras associações profissionais na época.

É uma pena que não tenhamos tido a oportunidade de voltar ao Rio Grande para fazer esses mesmos tipos de estudo das elites, mas o tempo foi limitado e levamos dez anos para escrever os três livros. Apesar de tudo, há muitos pontos no meu livro sobre o Rio Grande do Sul que tratam dos mesmos fenômenos. E há outros estudos regionais sobre a República Velha, como o de Eul-Soo Pang, que trabalha com o coronelismo na Bahia, ou o de Linda Lewin sobre a Paraíba. Sobre o Estado do Rio, há a coletânea de Marieta de Moraes Ferreira. E um ex-aluno meu, Amílcar Vianna Martins Filho, complementou o estudo de Wirth com outro sobre a patronagem e a representação dos interesses econômicos em

Minas Gerais.<sup>4</sup> O que me parece é que ainda nos faltam bons estudos sobre a política do Distrito Federal e, principalmente, sobre o governo federal e suas relações com os estados na época.

*Levine teve mais dificuldades para obter dados em Pernambuco do que o senhor em São Paulo. O senhor encontrou uma mentalidade ou perspectiva profissional mais desenvolvida, mais acadêmica em São Paulo?*

Mentalidade, dados disponíveis, organização dos dados e, também, monografias. São Paulo possuía monografias mais completas sobre assuntos relacionados ao meu tema geral. Esse fenômeno não ocorria em Pernambuco. Chegamos no Brasil num período complicado, uma semana depois do seqüestro do embaixador americano Burke Elbrick, em setembro de 1969. Para mim, foi um ano difícil em São Paulo, pois de vez em quando colegas desapareciam, eram seqüestrados pela Polícia Federal, pelo Dops. Graças a Deus todos saíram da prisão depois de alguns dias. Uma professora que conheci foi torturada na época, e fiz o possível para demonstrar minha solidariedade; enviei cartas para os Estados Unidos, para a Anistia Internacional etc. Talvez o meio acadêmico de São Paulo fosse mais aberto por essa razão: queriam estabelecer relações com o exterior, para mostrar como estava a situação. Carlos Guilherme Mota me passou muitos documentos para distribuir no exterior.

*O senhor defendeu sua tese de doutorado sobre o Rio Grande do Sul em 1967, na Universidade de Columbia, e em 1969 já estava novamente no Brasil, fazendo uma pesquisa sobre São Paulo. Como isso se organizava na prática? O senhor já estava vinculado a alguma instituição de ensino e imediatamente conseguiu uma bolsa?*

Já estava vinculado. Nos Estados Unidos a regra era, e continua a ser, que o pesquisador que recebe uma bolsa para fazer pesquisa pode sair da universidade. Há casos excepcionais, mas em geral pode-se receber uma bolsa para pesquisar no exterior; a universidade, o departamento, dá ao bolsista uma licença. Cheguei a São Paulo, curiosamente, tentando completar meus estudos sobre o Rio Grande do Sul. No meu primeiro mês residindo em São Paulo, tive de terminar a versão do livro que acabou sendo publicada por Stanford. O livro levou mais quatro anos para sair em português, pela Editora Perspectiva.

Quando vim dos Estados Unidos para cá, em 1969, eu estava radicado em Urbana, sede da Universidade de Illinois. Levine estava em Nova York, na State University of New York, em Stony Brook, e Wirth estava em Stanford. Quer dizer, isso dá três pontos no continente!

*Como vocês conseguiram, durante vários anos, trabalhar em conjunto? Por meio de cartas, de telefonemas?*

É, isso foi antes do e-mail... Era difícil coordenar. Falávamos frequentemente por telefone.

*Algo, em meio à produção historiográfica norte-americana, inspirou vocês três a realizar um estudo tão difícil, que exigia tamanha logística?*

Havia um estudo do problema do federalismo em vários estados dos Estados Unidos no século XIX, feito por Oscar Handlin e outros pesquisadores da Universidade de Harvard, mas era algo menos sistemático do que o nosso projeto. Como tivemos a oportunidade de planejar nossos estudos com alguns anos de antecedência, e de continuar a coordená-los durante nossa pesquisa no Brasil, acabamos fazendo um trabalho bem articulado. Havia o perigo de sermos conformistas demais, mas houve a possibilidade escolher certos temas, como a intervenção do Estado, que foi muito mais importante em São Paulo do que nos outros dois estados.

*Como, conformistas demais?*

Bem, utilizamos em inglês o termo *lock-step*: ter de analisar precisamente os mesmos fenômenos, tenham eles importância ou não. Mas vários temas foram muito mais importantes em São Paulo do que em outros estados naquela época. São Paulo foi muito inovador ao intervir na economia, na sociedade, no que passou depois para a responsabilidade do governo federal. O Rio Grande do Sul também fez isso, intervindo na organização das corporações profissionais e na criação do primeiro banco de desenvolvimento.

*Nesses três estudos sobre os três estados brasileiros, nota-se uma certa idéia de modernização, um esquema analítico prévio. Isso é algum tipo de herança?*

Todos os capítulos são definidos da mesma maneira: homem e ambiente; economia; sociedade e cultura; política interna do estado; política do estado na nação; um capítulo mais especulativo sobre o problema da integração do estado na nação; o que chamamos de federalismo fiscal, os impostos, as despesas por setor, os empréstimos no exterior, as transferências de renda entre estado e governo federal, e a conclusão geral.

*O procedimento metodológico, as etapas da pesquisa, os códigos utilizados, isso tudo revela uma influência mais relacionada às ciências sociais do que à tradição historiográfica, não?*

Houve realmente mais influência das ciências sociais. Todos nós, acho que posso dizer, tivemos um bom *background* nas ciências sociais. Tive uma bolsa da Fundação Ford na Universidade de Columbia, que encorajava o pessoal a ampliar sua visão da América Latina, não apenas através de uma única disciplina.

Estudei a ciência política da América Latina, a antropologia do Brasil, a sociologia política com Juan Linz, a economia do desenvolvimento com Albert Hirschmann. Sempre tentei organizar as minhas pesquisas comparando uma coisa com outra, para entender melhor a primeira.

*Levine e Wirth também fizeram o mesmo tipo de percurso, incorporando a tradição das ciências sociais?*

Penso que sim. Levine recebeu seu PhD em Princeton e Wirth em Stanford, mas ambos complementaram seus estudos com cursos na Columbia.

*Havia um mentor intelectual desse projeto?*

Não. Ouvi dizer que fui o primeiro regionalista, uma vez que já tinha feito o estudo sobre o Rio Grande do Sul. Mas foi Wirth quem primeiro elaborou a possibilidade de fazer um estudo comparado dos três estados. Inicialmente, queríamos incluir também o Rio de Janeiro, que Ralph della Cava, autor de *Miracle at Joazeiro* (que trata da carreira do Padre Cícero), faria, mas no fim ele teve de abandonar o projeto por razões pessoais. Se, por um lado, a realização desse projeto não foi um milagre, por outro, não foi fácil continuarmos no programa por oito, dez anos, com as demais obrigações universitárias e outros temas de interesse. Continuamos a ter reuniões em Stanford, em Nova York e em Austin, depois da pesquisa original em 1969-70.

*Dos estudos sobre regionalismo brasileiro, o senhor migrou, nos anos 1980, para a área de história econômica. Como se deu essa transição?*

Eu não queria passar toda a minha carreira num só assunto, e tinha um *background* na economia. Enquanto trabalhava no livro sobre São Paulo, descobri que houve um teórico romeno, Mihail Manoilescu, muito difundido no Brasil nos círculos empresariais das décadas de 1930 e 1940 – seu defensor mais importante foi Roberto Simonsen, em São Paulo –, cujo livro, *Teoria do protecionismo e de permuta internacional* (1931), fora publicado pela Fiesp. Passei a estudar outras obras dele e descobri que havia uma tradição de estudos econômicos, de várias escolas econômicas, muito rica na Romênia. Depois comecei a estudar a língua romena e em 1981-82 passei algum tempo em Bucareste, para fazer um estudo paralelo com o Brasil, para ver como fora teorizado o problema do subdesenvolvimento em duas áreas que podemos chamar de Terceiro Mundo.

No período entre as duas guerras mundiais, a Europa oriental foi o berço dos primeiros teóricos do desenvolvimento econômico. Aqueles países – a Polônia, por exemplo – tinham o problema de um campesinato enorme, baixos níveis de alfabetização, e tinham o objetivo de criar um novo Estado, todos problemas de Terceiro Mundo. Foi por isso que os primeiros teóricos do subde-

seu desenvolvimento nasceram lá e lá fizeram os seus primeiros estudos, inclusive Manoilescu, que foi importante na Romênia. Houve também uma escola marxista muito rica, a escola populista e neopopulista, que teve depois uma expressão no Brasil na década de 1970, quando os cientistas sociais descobriram o problema dos camponeses na Amazônia, da possibilidade de o camponês se opor ao capitalismo no campo.

Chaianov, teórico russo que escreveu em russo e alemão, era conhecido na Romênia desde 1925 e foi descoberto na América Latina em fins da década de 1960. Foi somente na década de 1970 que os cientistas sociais no Brasil usaram as teorias dele para estudar o problema brasileiro. Portanto, é interessante a comparação entre o que chamamos em inglês *leads and lags*, o porquê de os romenos terem descoberto essas teorias antes dos brasileiros e dos latino-americanos. O marxismo foi muito desenvolvido lá, o populismo clássico teve uma expressão na Romênia, pelas correntes de imigrantes russos, mas não teve nenhuma expressão na América Latina antes da Primeira Guerra Mundial. Já antes da Grande Guerra, na Romênia, surgiram teorias de dependência saindo de uma tradição marxista. Tentei comparar o processo de desenvolvimento da teoria marxista e outras maneiras de pensar o problema do desenvolvimento no Brasil e na Romênia. Todas as escolas foram réplicas da escola neoclássica (associada ao liberalismo). Então, acho que se pode aprender muito fazendo um estudo comparado entre dois países. Às vezes, o que se observa não é uma influência direta de Manoilescu em Furtado ou Prebisch, por exemplo, mas uma redescoberta independente de teorias e proposições muito parecidas.

*Isso é interessante, pois não creio que se imaginaria normalmente no Brasil uma comparação com a Romênia. A estratégia em geral é comparar o Brasil com outros países latino-americanos ou com outras potências regionais, como a Índia, em sua posição no sul da Ásia, ou a China, no Extremo-Oriente.*

No início do meu livro sobre a Romênia e o Brasil, ponho em evidência as grandes diferenças nos meios social, geográfico e político dos dois países. Ainda assim, há pontos em comum. Por isso os escolhi como representantes da América Latina e da Europa oriental, respectivamente. Estudei a Europa oriental e a Romênia principalmente no período que vai de 1880 até o fim da Segunda Guerra Mundial – quando começou um período muito rígido do stalinismo –, e o Brasil, da década de 1930 – com as primeiras ondas de industrialização – até os anos 1980.

*A construção do Terceiro Mundo trata da análise comparada do pensamento econômico e, particularmente, das questões relativas ao subdesenvolvimento no pensamento econômico brasileiro e romeno. A perspectiva comparativa segue clara em sua obra, mas, se an-*

*tes o senhor priorizava estudos de história política, passa agora à história econômica e sobretudo a uma história intelectual...*

Esse livro que escrevi sobre Brasil e Romênia talvez seja mais uma história intelectual, de certa forma limitada à economia e à sociologia. Mas atualmente estou interessado em fazer um estudo do pensamento da Cepal, do estruturalismo latino-americano, desde seu início na década de 1940 até o presente, um estudo da ascensão e queda dessa escola na América Latina. Nesse estudo, não só quero examinar a ideologia das teorias, mas também discutir a influência prática da escola cepalina, ver até que ponto ela foi importante nas decisões reais dos governos latino-americanos, concentrando-me principalmente nos casos do Brasil, Chile, México e, talvez, Venezuela.

*O que é ser brasilianista, e por que alguém se torna brasilianista? Simplesmente em decorrência da escolha de um tema de pesquisa? Afinal, são 40 anos de sua vida dedicados a estudar um país que não é o seu....*

Acho que é difícil generalizar. Se a maioria dos brasilianistas continuou a estudar o Brasil, como é o meu caso, muitos outros passaram a estudar outros países. Steven Topik, por exemplo, é historiador econômico e tem estudado o México, mas voltou ao Brasil agora para fazer um estudo sobre a história do café como uma *commodity* no mercado mundial. Da minha geração, Levine continuou a ser brasilianista; escreveu alguma coisa sobre Cuba, mas seu principal interesse sempre foi o Brasil. Wirth fez dois estudos iniciais sobre o Brasil, mas seu último livro trata da história ambiental da fronteira mexicana com os Estados Unidos. Nos Estados Unidos, na associação dos historiadores da América Latina, o grupo de estudos do Brasil está consolidado. Mas tudo isso é relativo, no sentido de que há três vezes mais mexicanistas que brasilianistas nos Estados Unidos. Por razões históricas, por problemas econômicos e de imigração, em função da questão do petróleo mexicano, do problema das drogas, sempre houve mais interesse na história e na cultura mexicanas.

Acho os brasilianistas muito dedicados ao estudo deste país, mas a nossa carreira está definida no âmbito da América Latina, sempre estudamos toda a América Latina e não vemos oposição entre estudar o Brasil e a América hispânica. Utilizamos o argumento de que o Brasil corresponde a um terço de toda a América Latina e à metade da América do Sul, e que, portanto, deve haver mais postos universitários para o estudo do Brasil nos Estados Unidos, mas acho que os mexicanos estão bem mais acostumados a receber estudantes do norte em seu país. Desde as origens da profissão de historiador da América Latina, há historiadores e antropólogos indo ao México. Herbert Bolton, da Universidade do Texas e, depois, de Berkeley, passou muito tempo no México, no começo do século XX. Então, a tradição é muito mais longa. Outro professor, Frank Tannenbaum, historiador da Universidade de Columbia, passou 20 anos no México. Acho que,

em parte, o fenômeno do mexicanista no México cria menos surpresa, menos oposição, podemos dizer, por ser um fenômeno que existe há mais tempo. É diferente da onda que chegou aqui no Brasil na década de 1960, mais ou menos na época da ditadura. Alguns dos primeiros brasilianistas, como Stanley Stein, haviam chegado na década anterior, enquanto eu cheguei para pesquisar a tese alguns meses depois do golpe.

*Acho que Richard Morse também já havia chegado.*

Morse e Stein, dois eminentes brasilianistas que começaram suas carreiras na década de 1950. Não são da nossa “onda”, chegaram 10 ou 12 anos antes, Morse em São Paulo e Stanley Stein em Vassouras, no Estado do Rio.

*Mas os franceses já estavam aqui desde a criação da USP, e isso não causava surpresa.*

Isso talvez tenha acontecido porque os paulistas os tinham convidado, não eram “para-quedistas”. E essa foi uma grande geração de pesquisadores. Lévi-Strauss, Fernand Braudel, que passou um tempo na USP, que foi organizada em 1934, François Perroux, economista, que também esteve lá nessa época... Três grandes pesquisadores.

*Charles Mozaré...*

Também. Mas entre os brasilianistas da minha geração, havia ainda o grupo dos ingleses, talvez menos evidente porque muitos saíram da Inglaterra para lecionar nos Estados Unidos. Foi o caso de John Russell-Wood, da Universidade Johns Hopkins, e de Kenneth Maxwell, atualmente do Council on Foreign Relations, em Nova York. E Roderick Barman, que fez vários estudos sobre o Império e fez carreira na Universidade de British Columbia, em Vancouver, no Canadá.

*Há ainda o trabalho de Richard Graham sobre a influência inglesa no Brasil.*

Mas Graham é americano. Ele nasceu aqui no Brasil, acho que em Goiás – seu pai era missionário presbiteriano –, mas fez seus estudos universitários nos Estados Unidos. Desejo mencionar, para terminar, que entre meus alunos houve dois “regionalistas”: Bert Barickman, da Universidade do Arizona, e Zephyr Frank, da Stanford University. Barickman fez um estudo primoroso sobre a sociedade rural da Bahia no século XIX.<sup>5</sup> Frank é mais jovem, mas aguardo, num par de anos, a publicação de sua excelente tese sobre a economia política e a sociedade de Mato Grosso no período 1870-1940.<sup>6</sup> Finalmente, é um prazer dizer-lhe que uma nova tradução de *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930* será publicada em breve,<sup>7</sup> e que estou preparando um prefácio especial para essa nova edição.

*Notas*

---

1. Joseph L. Love, "Porto Alegre: [Historical] research opportunities", em Robert M. Levine (ed.), *Brazil: field research guide in the social science* (New York, Columbia University, Institute of Latin American Studies, 1966), p. 88-96.
2. Richard Kornweibel, "Julio de Castilhos and the Republican Party of Rio Grande do Sul" (Santa Barbara, University of California, 1971; tese de doutorado), e Silvio Duncan Baretta, "Political violence and regime change: a study of the 1893 Civil War in Southern Brazil" (University of Pittsburgh, 1985; tese de doutorado).
3. Robert Levine é autor de *A velha usina: Pernambuco na Federação brasileira, 1889-1937* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980), e John Wirth, de *O fiel da balança: Minas Gerais na Federação brasileira, 1889-1937* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982). O primeiro faleceu em 2003, e o segundo, em 2002.
4. Eul-Soo Pang, *Bahia in the First Brazilian Republic: coronelismo and oligarchies, 1889-1934* (Gainesville, University of Florida Press, 1979); Linda Lewin, *Politics and parentela in Paraíba* (Princeton, Princeton University Press, 1987); Marieta de Moraes Ferreira (ed.), *A República na Velha Província: oligarquias e crise no estado do Rio de Janeiro (1889-1930)* (Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1989); Amilcar Vianna Martins Filho, "The white collar republic patronage and interest representation in Minas Gerais, Brazil, 1889-1930" (University of Illinois, 1987; tese de doutorado), da qual foi publicado um extrato em português: "A economia política do café com leite, 1900-1930" (Belo Horizonte, UFMG/Proed, 1981).
5. Bert J. Barickman, *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003).
6. Zephyr Frank, "The Brazilian far west: frontier development in Mato Grosso, 1870-1937" (University of Illinois, 1999; tese de doutorado).
7. A ser publicada pela Diálogo Editorial, de Porto Alegre.